

Educação na Amazônia: uma releitura de Djalma Batista

Education in the Amazon: a reinterpretation of Djalma Batista

Educación en la Amazonía: una reinterpretación de Djalma Batista

Recebido: 19/07/2022 | Revisado: 29/07/2022 | Aceito: 31/07/2022 | Publicado: 09/08/2022

Maria Almerinda de Souza Matos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4776-2155>

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

E-mail: profalmerinda@hotmail.com

Evandro Luiz Ghedin

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2844-6122>

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

E-mail: evandroghedin@ufam.edu.br

Iranvith Cavalcante Scantbelruy

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4275-1000>

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

E-mail: iranvith@hotmail.com

Maria Leogete Joca da Costa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4485-3561>

Universidade Federal do Roraima, Brasil

E-mail: maria.leogete@ufr.br

Maria Francisca Nunes de Souza

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5578-4832>

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

E-mail: mfranci@ufam.edu.br

Resumo

Este trabalho discute os desafios amazônicos no que tange à educação apresentados por Djalma Batista em ensaio nomeado “Cultura Amazônica” e publicado originalmente na “Revista da Academia Amazonense de Letras” em 1955. Objetiva-se responder à seguinte questão: Os problemas educacionais da Amazônia apontados por Djalma Batista na primeira metade do século XX continuam os mesmos na virada do século XXI? Para tanto, usou-se a pesquisa qualitativa e bibliográfica, e como fonte, a obra base de Batista, além de livros, artigos, dissertações e teses que tratam da educação amazônica no início do século XXI. Verificou-se que dois desafios amazônicos apresentados pelo autor continuam os mesmos: baixa valorização salarial e precárias condições laborais da classe dos professores e as escolas em bairros de baixa renda continuam com instalações insatisfatórias e inadequadas, a única divergência é com relação ao Ensino Superior, enquanto na época do autor só havia o curso de Direito, hoje há diversos cursos disponíveis nas duas instituições públicas, assim como nas diversas privadas.

Palavras-chave: Educação; Amazônia; Djalma Batista.

Abstract

This work discusses the Amazonian challenges regarding education presented by Djalma Batista in an essay entitled “Amazon Culture” and originally published in the “Revista da Academia Amazonense de Letras” in 1955. The objective is to answer the following question: The educational problems of the Amazon pointed out by Djalma Batista in the first half of the 20th century remain the same at the turn of the 21st century? For that, qualitative and bibliographic research was used, and as a source, the base work of Batista, in addition to books, articles, dissertations and theses that deal with Amazonian education at the beginning of the 21st century. It was found that two Amazonian challenges presented by the author remain the same: low salary appreciation and precarious working conditions of the teachers' class and schools in low-income neighborhoods continue with unsatisfactory and inadequate facilities, the only divergence is in relation to higher education, while at the time of the author there was only a law course, today there are several courses available in both public institutions, as well as in several private ones.

Keywords: Education; Amazon; Djalma Batista.

Resumen

Este artículo aborda los desafíos amazónicos en materia educativa presentados por Djalma Batista en un ensayo titulado “Cultura amazónica” y publicado originalmente en la “Revista da Academia Amazonense de Letras” en 1955. El objetivo es responder a la siguiente pregunta: ¿Los problemas educativos de la La Amazonía señalada por Djalma Batista en la primera mitad del siglo XX sigue siendo la misma a principios del siglo XXI? Para ello se utilizó investigación cualitativa y bibliográfica, y como fuente el trabajo base de Batista, además de libros, artículos,

disertaciones y tesis que versan sobre la educación amazónica a principios del siglo XXI. Se constató que dos desafíos amazónicos presentados por el autor siguen siendo los mismos: baja apreciación salarial y precarias condiciones de trabajo de la clase magisterial y escuelas en barrios populares continúan con instalaciones insatisfactorias e inadecuadas, la única divergencia es en relación a la educación superior, mientras que en la época del autor solo existía un curso de derecho, hoy existen varios cursos disponibles tanto en instituciones públicas, como en varias privadas.

Palabras clave: Educación; Amazonía; Djalma Batista.

1. Introdução

A Amazônia brasileira é uma vasta região localizada no Noroeste do Brasil e que tem grande porcentagem de vegetação nativa preservada. Há imaginários que esta região é intocada e povoada apenas por povos autóctones, sem necessidade de investimentos públicos nas diversas áreas básicas para o bem-estar dos moradores locais. A região, de fato, é povoada por diversidade sociocultural que engloba várias etnias indígenas, ribeirinhos, quilombolas, caboclos e estrangeiros que se estabeleceram na região a partir do incentivo migracional durante os ciclos econômicos extrativistas (Lousada, et al., 2020; Oliveira, et al., 2019; Morales, et al., 2017; Lima & Silva, 2020; Pereira, et al., 2021).

Batista (2003) convida-nos a olhar para a Amazônia pós-ciclo econômico da borracha, que fez surgir duas grandes capitais na região: Belém e Manaus, e como tal, carentes de investimentos públicos básicos assim como qualquer grande cidade do Nordeste, Sul ou Sudeste do país.

O período analisado pelo autor engloba a primeira metade do século XX, mais precisamente após o ciclo econômico da borracha até a década de 1950. Esse período foi marcado pelo “marasmo econômico”, a economia da região gerava poucos dividendos à nação, era baseada no extrativismo, comércio de secos e molhados e cidades marcadas pela péssima escolha dos governantes locais, gerando cidades com precárias condições sanitárias, refletindo em moradias improvisadas e baixa qualidade de saúde do povo (Batista, 2003; Santos, et al., 2015; Fuentes Felicó, 2017; Matos, et al., 2022).

O Autor, Djalma da Cunha Batista, nasceu em Tarauacá, no Acre e migrou para Manaus para cursar o Ensino Secundário, na época composto pelo curso Ginásial e curso Colegial, hoje correspondente as séries finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Foi para Bahia para estudar medicina, após formado, voltou para Manaus onde fez carreira de médico e escritor. Escreveu diversos artigos publicados na imprensa local, foi presidente da Academia Amazonense de Letras e diretor do INPA (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia).

A Obra base, conhecida como “Amazônia: Cultura e Sociedade” foi organizada por Tenório Teles e apresenta cinco textos publicados por Batista em diversos meios impressos entre 1938 a 1974.

O texto “Cultura Amazônica”, analisado neste artigo, é o segundo da coletânea e foi publicado originalmente em maio de 1955, edição de número 2, na Revista da Academia Amazonense de Letras. Compõe, inicialmente, de uma discussão sobre a formação cultural na região, permeada pela imposição do estilo europeu pelos missionários católicos aos indígenas até a importação do modo de vida europeia em Manaus e Belém durante o ciclo econômico da borracha. Na parte final do texto, o autor analisa a produção intelectual e a formação educacional da população de baixa renda na região, sendo este último o foco deste trabalho.

Batista (2003) cita que entre as décadas de 1920 a 1950 a educação na região amazônica apresentava quatro grandes desafios, que implicavam má qualidade educacional: implicações quanto ao trabalho docente, quanto às instalações das escolas de ensino básico e sua relação de ensino e aprendizagem, quanto ao currículo e da responsabilidade do estudante e da família à educação, e, quanto ao Ensino Superior no Amazonas.

2. Metodologia

Este trabalho tem como proposta metodológica a pesquisa qualitativa e a pesquisa bibliográfica. A escolha da abordagem qualitativa, deve-se ao fato dela propor explorar e entender o significado que os indivíduos ou grupos sociais atribuem a um problema social ou humano (Richardson, 2017).

Strauss e Corbin (2008) afirmam que a pesquisa que se propõe a usar a abordagem qualitativa produzirá resultados não alcançados através de procedimentos estatísticos ou outros meios quantificáveis. Esse tipo de investigação, segundo os autores, explora a vida das pessoas, experiências vividas, comportamentos, emoções e sentimentos das pessoas, e também pesquisa sobre funcionamento organizacional, movimentos sociais, fenômenos culturais e interação entre as nações. Importante salientar que esse tipo de pesquisa pode usar dados quantificados, como censos, mas a sua base analítica é a interpretação.

E no que tange à pesquisa bibliográfica, ela esta presente desde a fase inicial, através da realização da revisão da literatura, ou seja, a partir das “leituras iniciais, que visam arrematar informações, entender mais detalhadamente o assunto, para auxiliar na produção da pesquisa, definição de problemas e objetivos” (Michel, 2009). A revisão da literatura foi do tipo narrativa (Correia & Mesquita, 2014), na qual os dados acessados, como livros, artigos científicos, dissertações e teses, são coletados sem um rígido critério a ser seguido, e tem por objetivo alcançar uma revisão atualizada do conhecimento estudado, a saber, a educação na Amazônia primeira metade do século XX e início do século XXI.

Depois da revisão da literatura e de posse dos problemas e objetivos da pesquisa, a pesquisa bibliográfica auxiliou na explicação do problema “utilizando o conhecimento disponível a partir das teorias publicadas em livros ou obras congêneres” (Koche, 2011, p. 122).

A Educação na Amazônia na primeira metade do século XX foi analisada segundo a obra de Batista (2003). Autores clássicos que discutem a educação e a Amazônia foram convidados para compor a discussão dessas temáticas, tais quais: Novoa, (2015), Santomé (1995) e Santos, et al. (2015).

As informações e dados sobre educação na Amazônia no início do século XXI foram acessadas a partir de busca de artigos, dissertações e teses no Google Acadêmico, portal SciELO (Scientific Electronic Library Online), portal de Periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal De Nível Superior) e banco de artigo da revista Research, Society and Development. Os descritores foram: Educação, Amazônia, Século XXI. Além dos descritores mencionados, um dos principais critérios de inclusão era focar na educação no estado do Amazonas e não na Amazônia em sua totalidade.

Foram excluídos os trabalhos que versavam sobre a Amazônia estrangeira e que não atendiam a temática proposta nos descritores. Totalizaram-se 20 trabalhos pré-selecionados, entre artigos e teses, que após leitura e análise de seus resumos, chegou-se aos seguintes selecionados: Fuentes Felicó (2017), Gatti (2012), Krawczyk (2011), Lima e Silva (2020), Lousada, et al., (2020), Matos Tensor e Lopes (2022), Morales, et al., (2017), Oliveira, et al., (2019), Pereira, et al.,(2021), Picanço (1986), Sabino, et al., (2022), Santos (2017) e Setton (2009).

3. Resultados e Discussão

3.1 Ser Professor na Amazônia

O primeiro desafio citado por Batista (2003) diz respeito ao ato de ser professor, o qual faz distinção entre os titulados e os leigos. Sobre os titulados, expressa que por causa do desprezo da profissão, do baixo soldo recebido e da falta de estímulo no contínuo laboral fazem com que haja uma decaída na eficiência professoral e nas condições mentais. Decorrente dessas condições, apenas uma pequena parcela resistia a todas essas adversidades e permaneciam na profissão, somente aqueles que o ato de lecionar era um sacerdócio, “os que nasceram com o destino incoercível de educador” (Batista, 2003, p. 84), uma grande parte muda de ocupação, atuando no comércio ou na burocracia pública.

Com relação aos professores leigos, sua função era desempenhada nas cidades do interior da região, e que mesmo atuando há muitos anos, não tinham formação mínima para desempenhar sua função, o magistério de nível médio ou Curso Normal. O autor também levanta a questão do porquê das normalistas que se formavam nas capitais não irem atuar nos rincões da Amazônia, Batista (2003) afirma que isso se dava pela falta de apoio governamental quanto ao transporte, salário digno e incentivo a sua permanência nas localidades.

Gatti (2012, p. 95) relata que a questão salarial e a valorização profissional ainda é um desafio para as políticas públicas em educação, mesmo nos dias atuais, essa classe de trabalhadores ainda luta por salários dignos e status laboral condizentes com a sua carga de responsabilidade e trabalho, bem como, perspectivas futuras na carreira. Afirma a autora que “o problema salarial docente se associa à discussão sobre a qualidade da educação no país e sobre atratividade da carreira e permanência nela. Não é banal a perda de bons quadros profissionais que poderiam atuar nas escolas em favor de outras áreas profissionais”.

Nóvoa (1995) ajuda a explicar a tese levantada por Batista (2003) sobre o trabalho docente enquanto vocação, diz, que isso se dava porque a época o modelo de ser professor era o religioso, envolvendo a educação numa aura de vocação e sacerdócio, mesmo em se tratando de professores leigos. O primeiro autor afirma que essa relação vocacional da profissão só foi rompida com a estatização da função, que foi o passo estrutural rumo a profissionalização do ser professor.

Sobre o professor leigo, Picanço (1986) explica que esse rótulo designa os professores não titulados e que os mesmos, em torno da escola rural, acabavam gozando de muita simpatia da sua clientela, haja vista sua dedicação e disponibilidade, embora a comprovada dificuldade didática pela falta de formação. A autora relata que o trabalho do professor leigo era realizado em escolas com salas multisseriadas, geralmente com as instalações na própria casa do professor, em que ele sempre combinava seu trabalho docente com o trabalho no campo. Evidencia a autora, que a qualidade deficitária de seu trabalho era atribuída ao despreparo e a má remuneração profissional.

Ancorados em Gatti (2012) observamos que o primeiro desafio elencado por Batista (2003) para a educação na Amazônia não é distante dos dias atuais. A classe de professores ainda luta por valorização profissional, melhor condição de trabalho, salário digno em consonância com a alta carga de subjetividade que a carreira impõe, a baixa atratividade que a profissão tem se apresentada aos jovens e a perda de profissionais de excelência pelas condições já narradas. Nóvoa (1995) nos ajuda a entender o estranhamento da tese levantada pelo autor base de que o magistério é um sacerdócio e que somente os verdadeiramente vocacionados conseguem se manter na profissão diante de tantas adversidades.

Finalmente, Picanço (1986) nos esclarece quem é o professor leigo e como acontece sua prática docente, seus desafios e lutas. Santos (2017) afirma que nas duas últimas décadas o governo federal criou diversas políticas de formação de professores, afim de evitar a contratação de professores leigos e possibilitando capacitar os que já estavam contratados, primeiro criando programas de formação em Normal Médio e, posteriormente, de formação em Licenciaturas e Pedagogia.

3.2 Escolas Públicas: Estrutura e Acesso

O segundo grande desafio citado por Batista (2003) diz respeito às instalações escolares, à carência de escolas e ao ingresso do alunado de baixa renda no antigo Ensino Secundário. Ele narra com grande destaque sobre as instalações improvisadas que são dispensadas como escola no interior e na capital, sem mobiliário para estudar, fazendo com que o alunado trouxesse de casa mesas e cadeiras para poder apreender o conhecimento.

Ele, com bastante veemência, diz ainda, que o pode público exige dos aprendizes, crianças e adultos analfabetos, “uma pinta de heroísmo e uma sede diabética de aprender” (Batista, 2003, p. 85). Continua arguindo que os que conseguem vencer a primeira etapa de ensino, sob tais condições, não conseguem finalizar o Ensino Secundário, pois a baixa renda familiar os obriga a evadir e ingressar no mercado de trabalho para auxiliar no orçamento doméstico. Cita o dado de que em 1951, na

cidade de Manaus, de quinze mil alunos matriculados no Ensino Secundário, apenas 600 indivíduos concluíam esse nível, ressalta que essa informação diz respeito às escolas de periferia, local de ensino da população de classe baixa.

Demonstra, no entanto, o crescimento da procura do curso colegial, atual Ensino Médio; contudo, alerta sobre as poucas escolas destinadas para este nível de ensino na cidade de Manaus. Elenca que nos anos de 1930 o Colégio Estadual Amazonense contava com duzentos alunos matriculados, vinte anos depois esse número passou a ser sete vezes maior, fazendo com que até as instalações destinadas para atividade física, inclusive os vestiários, se transformassem em sala de aula. Diante dessa situação, ainda havia a carência de professores qualificados para lecionar, os grandes mestres, segundo ele, como Vicente Telles e Plácido Serrano, se aposentaram, e outros professores “improvisados” (p. 86) foram contratados e destaca, novamente, para a baixa remuneração recebida, fazendo com que o professorado de então ministrasse dez aulas por dia, dificultando assim sua condução qualificada em sala de aula.

Com relação à estrutura escolar, Setton (2009) esclarece que as escolas públicas na Amazônia, principalmente aquelas situadas em áreas de baixa renda das capitais e do interior, apresentam condições inadequadas, tanto estruturais como didático-pedagógicas para desenvolver suas atividades educacionais. Entretanto, a autora observa que não há reclamação dos alunos sobre tais condições, ela levanta a tese de que devido a área em que se localizam e da baixa cultura escolar dos familiares, os discentes não conhecem a realidade de uma escola bem aparelhada e planejada, fazendo com que os governantes não se empenhem para suprir tais necessidades.

Krawczyk (2011) ao analisar o funcionamento do Ensino Médio no Brasil diz que ele está em crescente expansão, principalmente depois dos anos de 1990, porém para o seguimento social de baixa renda ele ainda não faz parte do capital cultural e, para muitos, da experiência familiar, e, ainda, de garantia de oferta de bom emprego, por isso ele não é cobrado para continuar estudando e acontece a evasão.

Outro grande paradoxo presente no Ensino Médio, segundo a autora, diz respeito a professores bem formados, motivados e atualizados e que convivem com a deteriorização do trabalho docente e de políticas de formação descontextualizada com as necessidades da escola e do mundo atual. Relata, também, que outro desafio é a falta de professores para várias disciplinas específicas e o caos de contratação, na maioria das vezes se submetem a contratos temporários e estes acabam se preocupando em conservar o contrato de trabalho, reduzindo o seu compromisso com a qualidade de ensino e não elaborando um projeto de vida profissional de longo prazo.

Setton (2009) coaduna com Batista (2003) no que tange às instalações escolares para a clientela de baixa renda na Amazônia, embora sessenta anos se passaram, elas continuam inadequadas, tanto estruturalmente, como carentes de mobiliário e equipamentos didáticos para um bom resultado educacional. Krawczyk (2011) ressalta ainda que essa carência continua no Ensino Médio, o qual essa classe acaba descontinuando seus estudos pela falta de estímulos familiares, a necessidade de ingressar no mercado de trabalho e a não certeza de melhorias profissionais com a sua conclusão.

Outro ponto de consonância entre Krawczyk (2011) e Batista (2003) diz respeito aos professores que atuam no Curso Colegial/Ensino Médio, os dois afirmam que esses professores têm baixa remuneração, há carência de profissionais para atuarem nessa etapa criando assim uma política de contratos temporários gerando profissionais mais interessados em manter seu emprego do que buscar qualidade de ensino e aprendizagem.

3.3 Currículo Escolar e Papel da Família

O terceiro desafio abordado por Batista (2003) diz respeito às responsabilidades da família e do estudante quanto ao acompanhamento do processo de aprendizagem e faz uma crítica contundente quanto a prática de leitura de histórias em quadrinhos, diz que cabe aos pais e professores evitar sua leitura, pois elas “além de glorificarem malfeitores e figuras imaginárias

de poderosos, dando imagem visual sucinta da narrativa, tiram ao espírito o trabalho da elaboração mental que a leitura obriga” (p. 87).

O autor é contra a facilidade de sua leitura e interpretação através das ilustrações presentes, pois “a memória, o raciocínio, a imaginação, o espírito crítico, dependem de exercício, treinamento e estímulo” (p. 87) e só a leitura de obras clássicas em geral podem conduzir os jovens à ciência, à aquisição do conhecimento socialmente produzido pela humanidade.

Santomé (1995) não coaduna com essa abordagem, afirma que a escola deve reconhecer a cultura popular das crianças e adolescentes, como por exemplo, rock and roll, rap, quadrinhos, dentre outros, pois são essas expressões que devem servir de base para as atividades curriculares na sala de aula. O autor ainda faz uma alerta:

Uma instituição escolar que não consiga conectar essa cultura juvenil que tão apaixonadamente os/as estudantes vivem em seu contexto, em sua família, com suas amigas e seus amigos, com as disciplinas acadêmicas do currículo, está deixando de cumprir um objetivo adotado por todo mundo, isto é, o de vincular as instituições escolares com o contexto, única maneira de ajudá-los/as a melhorar a compreensão de suas realidades e a comprometer-se em sua transformação (Santomé, 1995, p. 165).

Santomé (1995) critica também o conhecimento que a sociedade rotula como ciência, pois eles são e foram construídos pelas classes sociais de prestígio e que está a mercê de sua aprovação. Portanto, a Literatura, as Artes, a Geografia, a História, a Matemática e as normas linguísticas que a escola ensina e exige são as construídas por esses grupos sociais dominantes.

Podemos perceber que a crítica que Batista (2003) faz sobre o uso de elementos da cultura juvenil pelos jovens, como a história em quadrinhos, que os desviam do conhecimento verdadeiro que apenas boas obras literárias poderiam oferecer é fruto de sua época, pois, nesse período, os proletários, a sociedade trabalhadora de base em geral, ainda não tinha direito ao reconhecimento de suas manifestações culturais enquanto cultura pela academia, o que ocorreu, conforme Hall (2006), apenas a partir do final da década de 1950 com o movimento que foi chamado de estudos culturais com o lançamento de três importantes obras: *As utilidades da Cultura* de Hoffart, *Cultura e Sociedade* de Williams e *A Formação da Classe Operária Inglesa* de Thompson.

Santomé (1995), como escritor pós-estruturalista, valoriza e defende que as manifestações culturais dessa classe devem estar presente no currículo escolar, daí se dá a divergência, os dois autores são frutos de sua época e da ideia de cultura vigente em seu tempo.

3.4 Ensino Superior

Por fim, Batista (2003) critica o desmonte da Universidade de Manaus, a primeira universidade do Brasil, que nas primeiras três décadas do século vinte ofereciam a populações curso de Direito, Farmácia, Odontologia e Agronomia, desses cursos, segundo o autor, só sobreviveu o curso de Direito, contudo em condições alarmantes, com péssimo ensino e má remuneração dos professores.

Brito (2001) demonstra que a Escola Universitária Livre de Manaós foi criada em 17 de janeiro de 1909. Em 13 de julho de 1913 ela passou a se chamar Universidade de Manaós e esta era mantida por sócios. A autora aponta que com a crise da borracha na segunda década do século XX houve algumas tentativas de mantê-la em funcionamento; entretanto, a partir de 1917 a Universidade passou por um processo de desestruturação e cada faculdade passou a funcionar de forma isolada e somente a de Direito estava em funcionamento na década de 1950, conforme cita a autora:

Da estrutura de 1909 permaneceram em funcionamento como unidades isoladas de Ensino Superior, a Escola Agrônômica de Manaus (Antiga Faculdade de Engenharia), extinta em 1943; a Faculdade de Farmácia e odontologia (antiga Faculdade de Medicina), extinga em 1944; e a Faculdade de de Direito (Antiga Faculdade de Ciências Jurídicas

e Sociais). O caráter de universidade perdido naquele momento, só seria resgatado 36 anos mais tarde com a criação da Universidade do Amazonas, em 1962 (Brito, 2001, p. 59).

Brito (2001) comprova a fala de Batista (2011) ao demonstrar que a Universidade de Manaus, na década de 1940 já não existia, apenas o curso de Direito sobreviveu a década seguinte e só na década de 1960 ela retornou com o nome de Universidade do Amazonas no seu processo de reestruturação, fazendo com que o Ensino Superior nas décadas de 1920 a 1950 fosse deficitário no Estado.

4. Considerações Finais

A pesquisa em questão permitiu-nos conhecer os desafios apresentados por Djalma Batista quanto à educação da Amazônia na primeira metade do século XX e verificar se os mesmos desafios ainda estavam presentes na região nas duas primeiras décadas do século XXI.

Quanto ao trabalho docente, observou-se que baixos salários, desvalorização profissional, a presença de professores leigos e troca de profissão, são realidades gêmeas nos dois séculos.

Sobre a estrutura das escolas públicas presentes em regiões de baixa renda, verificou-se que a falta de mobiliário, laboratórios e profissionais treinados continuam em evidência nas duas épocas, bem como a evasão dos discentes ingressantes no Curso Colegial/Ensino Médio face à necessidade de ingressar no mercado de trabalho para complementar a renda familiar.

Quanto ao currículo escolar, Batista (2003) criticava a presença de elementos da cultura juvenil em seu escopo, autores pós-modernos defendem a sua presença, como forma de aproximação desses jovens ao mundo letrado. Entretanto, o que se observa são currículos presos ao elitismo literário, como almejava Djalma.

A principal distinção dá-se quanto ao Ensino Superior, enquanto nas décadas de 1930 a 1950 Manaus só contava com um curso superior, o de Direito, fazendo com que os jovens da cidade que quisessem um curso diferente buscassem essa formação em outros Estados da nação. Nos tempos atuais, a cidade conta com duas grandes universidades públicas, a Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e a Universidade do Estado do Amazonas (UEA) contando com mais de cem cursos em seu cabedal, com campi em diversas regiões do estado do Amazonas. Exemplo, é o campi da UEA localizado na região do Alto Solimões, no município de Tabatinga, que segundo Sabino, et al., (2022) atende a região da tríplice fronteira amazônica, localidades amazônicas do Brasil, Peru e Colômbia.

Espera-se que, com a divulgação deste trabalho, os governantes nacionais possam investir na educação básica na região amazônica, principalmente nas periferias e cidades distantes das capitais, pois a mesma encontra-se em estágio de hibernação de quase cem anos.

Sugeri-se que mais elementos da obra científico-literária de Djalma Batista possa ser explorada pela academia, como por exemplo, a formação social da Amazônia e a questão médico-sanitária na região, discussões que ele analisou até a metade do século XX e que carece de investigações sobre a situação atual, verificar se houve avanço, estagnação ou retrocesso.

Agradecimentos

As agências de fomento, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Amazonas (FAPEAM).

Referências

Batista, D. C. (2003). *Amazônia, cultura e sociedade*. Manaus, AM: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas / Editora da Universidade Federal do Amazonas.

- Brito, R. M. de (2001). *100 anos UFAM*. (2a ed.). AM: EDUA.
- Correira, A. M. R., & Mesquita, A. (2014). *Mestrandos & Doutorandos: estratégias para a elaboração de trabalhos científicos: o desafio para a excelência*. (2a ed.): Vida Econômica.
- Fuentes Felicó, N. (2017). Cultura, competência comunicativa e desenvolvimento profissional dos especialistas museológicos / Cultura, competência comunicativa e desenvolvimento profissional dos especialistas museológicos. *Transformación*, 13(2), 315- 325. <https://revistas.reduc.edu.cu/>
- Gatti, B. A (2012). Reconhecimento social e políticas de carreira docente na educação básica. *Cadernos de pesquisa*. 42 (145), 88-111. <https://www.scielo.br/j/cp/a/TBZ9snxf4ZCYGfkrzDv43Zz/?format=pdf&lang=pt>
- Hall, S. (2006). *Estudos culturais: dois paradigmas*. Da diáspora: identidade e mediações culturais. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG.
- Krawczyk, N. (2011). Reflexão sobre alguns desafios do ensino médio do Brasil hoje. *Cadernos de pesquisa*. 42 (144), 752-769. <https://www.scielo.br/j/cp/a/mq5QhqMxcsdJ9KfDZjqlmtG/?format=pdf&lang=pt>
- Koche, J. C. (2011). *Fundamentos de metodologia científica*. Petrópolis, RJ: Vozes. http://www.brunovivas.com/wp-content/uploads/sites/10/2018/07/K%20C3%B6che-Jos%20C3%A9-Carlos0D0AFundamentos-de-metodologia-cient%20C3%ADfca_-_teoria-da0D0Aci%20C3%AAncia-e-inicia%20C3%A7%20C3%A3o-%20C3%A0-pesquisa.pdf
- Lima, G. C., & Silva, S. B. (2020). Juventudes Rurais e Processos Educativos. *Research, Society and Development*, 9(11), 01-14. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i11.10691>
- Lousada, E. V., Costa, K. M., & Santos, O. Q. (2020). A Constituição da Identidade Ribeirinha: Interface Linguagem e Cultura. *Revista Amazônica*, 4(2), 01-18. <https://doi.org/10.29280/rappge.v4i2.5531>.
- Matos, A. A. S., Tensor, A. P. B. B., & Lopes, A. M. S. (2022). Diversidade Amazônica: multiculturalismo e os desafios da educação inclusiva na tríplice fronteira Brasil-Colômbia-Peru. *Research, Society and Development*, 11 (8), 01-12. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i8.30952>.
- Morales, M. V., Sánchez, J. L., & Zúñiga, G. V. (2017). Vislumbres para a relevância cultural: O conhecimento pedagógico de um professor indígena de cabécar. *Research, Society and Development*, 5 (3), 173-208. <https://doi.org/10.17648/rsd-v5i3.113>
- Michel, M. H. (2009). *Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos*. (2a ed.) São Paulo, SP: Editora Atlas.
- Novoa, A. (1995). *Os professores e sua formação*. (2 ed.): Dom Quixote.
- Oliveira, M., Peixoto, R., & Maio, E. R. (2019). A educação enquanto promotora de uma cultura de paz: o foco nas questões de gênero e sexualidade. *Revista Amazônica*, 3(2), 27-39. <https://doi.org/10.29280/rappge.v3i2.4893>
- Pereira, L. B., Nascimento, C. A. R., Weigel, V. C. M., Simas, H. C. P., & Menezes, R. O. (2021). A educação como prática de cultura na Amazônia. *Research, Society and Development*, 10 (3), 1-14. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i3.13605>.
- Picanço, I. S. (1986). Alguns elementos para discussão sobre o Professor Leigo no Ensino Brasileiro. *Em Aberto*. (32), 09-12. <https://doi.org/10.24109/2176-6673.emaberto.5i32.1611>.
- Richardson, R. J. (2017). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. (4a ed.): Editora Atlas.
- Sabino, A. R., Gadelha, E. M., Witkoski, A. C., & Rodrigues, I. M. (2022). A Universidade do Estado do Amazonas (UEA) como projeto de desenvolvimento socioeconômico e ambiental na tríplice fronteira amazônica. *Research, Society and Development*, 11 (7), 01-21. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i7.30445>.
- Santomé, J. T. (1995). As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: Silva, T T (Org.), *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação* (pp. 159-177) Petrópolis, RJ: Vozes.
- Santos, L. C. A. (2017). *Identidades docentes e Amazônia: movimentos no contexto de um programa de formação*. (tese de doutoramento, Faculdade de Educação e Instituto de Física da Universidade de São Paulo).
- Santos, A. B., Machado, J. A. C., & Seráfico, M. (2015). Formação Socioeconômica do Estado do Amazonas. In: Castro, E. R. de; Campos, Í. (orgs). *Formação Socioeconômica da Amazônia* (Cap. 4, pp. 173-224). Belém, PA: NAEA.
- Strauss, A., & Corbin, J. (2008). *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. (2a ed). Artmed.
- Setton, M. G. J. (2009). A socialização escolar entre jovens da Amazônia Brasileira. *Revista brasileira de estudos pedagógicos*. 90 (225), 385-410. <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.90i225.516>.